



FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES EM PERSPECTIVAS FEMINISTAS, INTERSECCIONAL, DE GÊNERO E RAÇA

TIO, EU VI MINHA MÃE OXUM! ORA YÊ YÊ Ô — EDUCAÇÃO, RACISMO RELIGIOSO E ESPERANÇA

Vinicius Ribeiro Freire

Universidade Federal Fluminense (UFF)

vinicius.ribeiro@rioeduca.net

Resumo

A implementação da Lei 10.639/03, que torna obrigatória a abordagem da história e cultura afro-brasileira na educação básica, ainda encontra obstáculos significativos no cotidiano escolar. Este relato de experiência analisa uma intervenção pedagógica realizada em uma escola pública da Zona Norte do Rio de Janeiro, durante as atividades do mês da Consciência Negra. Como coordenador pedagógico, propus a apresentação de um grupo teatral independente cujas narrativas dramatizavam mitos das religiões de matriz africana, como as histórias de Ogum, Oxum e Iemanjá. A proposta, inicialmente concebida como uma ação de valorização da ancestralidade negra e enfrentamento ao racismo religioso, foi recebida com resistência por parte da gestão escolar e de segmentos da comunidade. O incômodo institucional revelou o que Santos (2020) denomina como a “negação das epistemologias afro-brasileiras”, que se manifesta tanto pelo silêncio quanto pelo receio de transgredir o padrão branco-cristão dominante nas escolas públicas.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre os limites e as potências de práticas pedagógicas afrocentradas no espaço escolar, considerando os desafios interpostos por uma cultura institucional que frequentemente se omite diante do racismo religioso. A fundamentação teórica baseia-se em Asante (1991) e Gomes (2005), no conceito de afrocentricidade como



reposicionamento do sujeito negro como produtor de conhecimento; em Freire (1996), que propõe uma pedagogia crítica e libertadora; e em Bento (2019), ao discutir o pacto narcísico da branquitude. A metodologia adotada é qualitativa, construída a partir do relato sistematizado da prática vivida, articulada à análise teórica dos tensionamentos gerados.

A experiência relatada evidencia o papel estratégico da gestão pedagógica na efetivação de políticas educacionais antirracistas. Mostra também como a presença simbólica do sagrado afro-brasileiro nas práticas escolares pode promover deslocamentos importantes na subjetividade de estudantes negros. O olhar encantado das crianças diante das representações de Oxum e Iemanjá, assim como os agradecimentos emocionados, revelam a potência de um trabalho pedagógico que reconhece a espiritualidade como dimensão constitutiva da identidade. Ao mesmo tempo, a reação de medo ou recusa de parte da equipe escolar explicita as barreiras estruturais que ainda precisam ser enfrentadas para que a escola pública seja, de fato, um território de pluralidade e justiça racial.

Esta experiência se alinha diretamente ao **Eixo 7 – Formação e trabalho de professores em perspectivas feministas, interseccional, de gênero e raça**, pois evidencia como o racismo religioso, articulado à colonialidade do saber, impacta o trabalho docente e desafia a formação para a diversidade. Ao propor uma pedagogia afrocentrada como prática amorosa e decolonial, o relato contribui para o debate sobre a formação docente como ação política comprometida com a emancipação de sujeitos historicamente marginalizados.

Palavras-chave: Educação antirracista; Afrocentricidade; Racismo religioso.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ASANTE, Molefi Kete. *Afrocentricity: The theory of social change*. Trenton, NJ: Africa World Press, 1991.

BENTO, Maria Aparecida Silva. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.



BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10* 9.394/1996. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

de março de 2008. Altera a Lei nº

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Investigação narrativa: experiência e história na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Penso, 2015.

EMICIDA. *AmarElo*. [Álbum]. Laboratório Fantasma, 2019.

EMICIDA. *Levanta e Anda*. In: *O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui*. Laboratório Fantasma, 2013.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós*. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. *Educação, identidade negra e formação de professores: entre encruzilhadas e esperanças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SANTOS, Cássia Virgínia Tavares dos. A escola e o racismo religioso: reflexões sobre o silêncio e o medo. *Revista da ABPN*, v. 12, n. 32, p. 121–137, 2020. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1997.